

150 ANOS

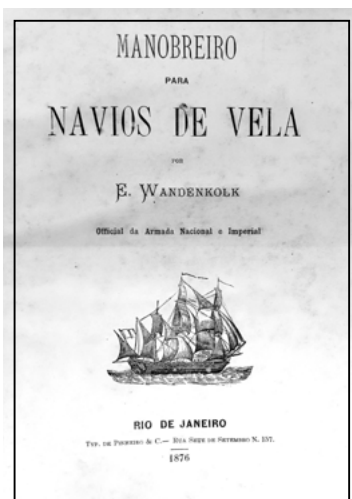
de um livro marinho

Pedro Gomes dos Santos Filho *

Há 150 anos, precisamente no dia 1º de janeiro de 1876, foi publicado na cidade do Rio de Janeiro o livro *Manobreiro para navios de vela*, de autoria do Capitão de Fragata Eduardo Wandenkolk, obra dedicada ao Conselheiro Luiz Antônio Pereira Franco, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha. Com o propósito de “orientar os jovens que se dedicam à Marinha de Guerra e Mercante”, o livro, composto por 408 páginas de texto e 168 figuras publicadas em volume separado, consta de cinco partes assim distribuídas:

1. âncoras, amarras e aparelhos de manobra;
2. manobra das âncoras;
3. modos de amarrar, fundear e desamarrar o navio e disposições preparatórias antes de “fazer de vela”⁽¹⁾;
4. manobras dos navios de vela em bom ou mau tempo; e
5. diversos trabalhos de peso e fainas particulares executadas a bordo, avarias e acidentes em geral, lemes de fortuna e esparrelas.

Em aditamento, o livro transcreve “as regras internacionais de navegação tendentes a evitar abalroamentos no alto-mar”, novidade à época. Ao transcrever essas



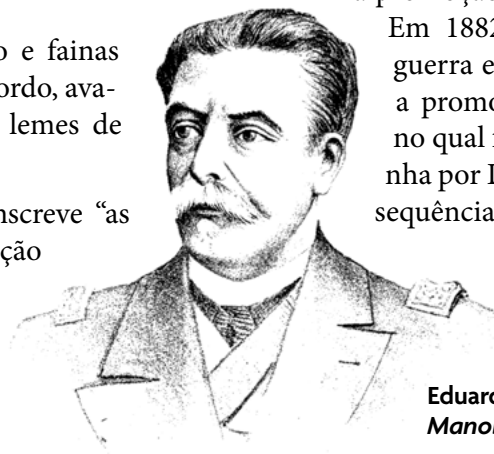
regras, o autor certamente não imaginava que anos mais tarde, como Ministro da Marinha, assinaria junto com o Presidente o Decreto nº 1.257, de 10 de janeiro de 1891, que promulgou o primeiro Regulamento Internacional para Evitar Abalroamentos no Mar da República.

Nascido no Rio de Janeiro em 29 de julho de 1838, Eduardo Wandenkolk pertencia a uma família de tradição naval. Seu pai, tio e irmão eram oficiais de Marinha. Ainda adolescente, sentou

praça como aspirante em 1853, graduando-se guarda-marinha dois anos e alguns meses depois. Foi promovido a segundo-tenente em 1858. Nos postos de primeiro-tenente e capitão-tenente teve participação destacada no confronto entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, sendo merecedor de medalhas da Campanha Oriental, da Rendição de Uruguiana e da Passagem do Humaitá. Recebeu a promoção a capitão de fragata em 1876.

Em 1882 chegou a capitão de mar e guerra e, em 1887, foi distinguido com a promoção a chefe de divisão, posto no qual foi nomeado Ministro da Marinha por Deodoro da Fonseca, sendo, em sequência, promovido a vice-almirante.

A experiência quando embarcado em diversos navios a vela e a vapor e a vontade



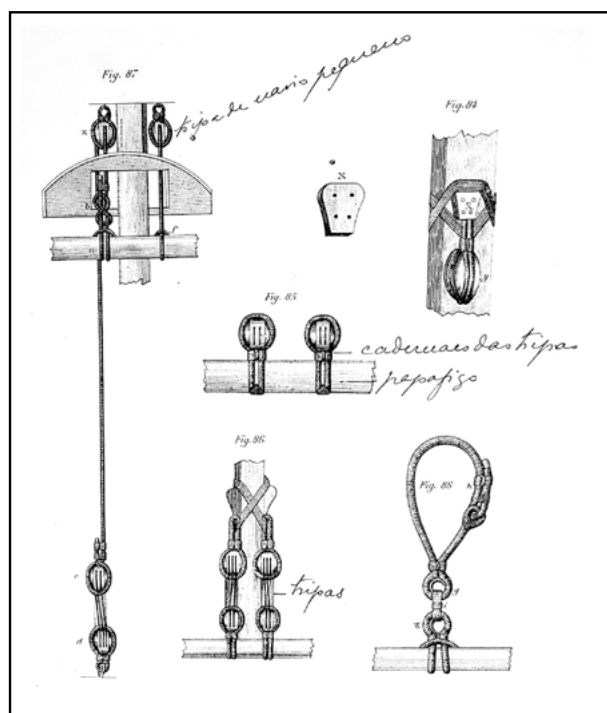
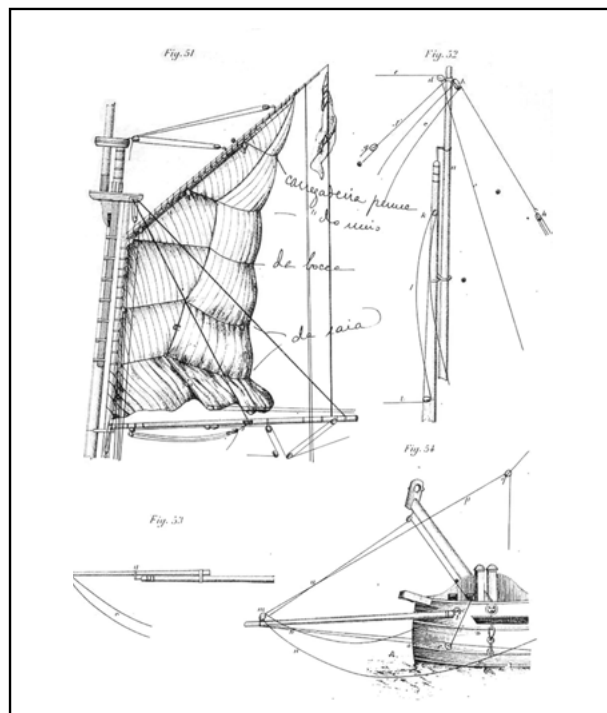
Eduardo Wandenkolk, autor do livro *Manobreiro para navios de vela*

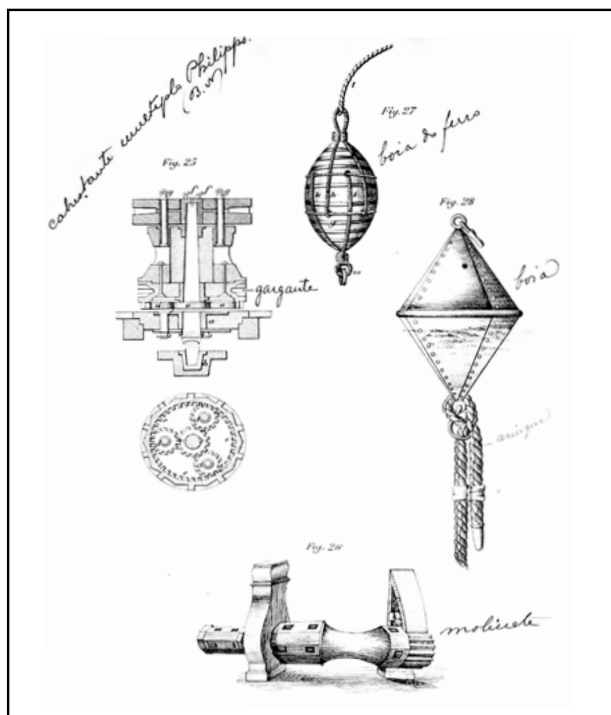
de deixar registrado o vasto conhecimento adquirido nas lides marinheiras o incentivaram a escrever o “*Manobreiro*”, designação simplificada com que o livro era carinhosamente referenciado. Diz a história naval não oficial que a vasta experiência do autor foi fruto da excessiva proteção do seu tio, João Maria Wandenkolk, Barão de Araguari, que providenciava junto aos colegas de alto posto o embarque do sobrinho em outro navio pronto para suspender tão logo o jovem oficial chegava de qualquer viagem de longa ou curta duração. Assim, Eduardo quase não baixava à terra e praticamente vivia no mar. A situação só amenizou por interferência de sua tia, mas mesmo assim foram longos os seus períodos de embarque e muitos os dias de mar nos primeiros postos da vida naval. Mais tarde, como oficial superior, teve a oportunidade de novamente embarcar e de comandar navios, que navegaram em cruzeiros de longo curso por diversos mares do mundo.

Além de escrever interessantes artigos na *Revista Marítima Brasileira*, Wandenkolk foi autor de *Tática naval para uma frota couraçada*, à época publicação referência para as evoluções da Esquadra em conjunto com o 3º volume do *Código de Sinais*, elaborado por José Cândido Guillobel. Ainda publicou dois relatórios, que primam pelo estilo e precisão e registram as lições aprendidas durante dois de seus comandos no mar: *Relatório da viagem da Corveta “Bahiana” ao mar das Índias* (1879) e *Relatório da Corveta “Vital de Oliveira” ao Báltico* (1884).

Embora publicado na transição dos navios a vela para a vapor, o “*Manobreiro*” foi uma obra de inestimável valor para o pessoal embarcado de várias gerações. Ao completar cem anos da sua publicação, o livro e seu autor foram homenageados em artigo da lavra do Almirante de Esquadra Levy Pena Aarão Reis, editado na *Revista Marítima Brasileira*. Constava da homenagem a entrega ao Serviço de Documentação Geral da Marinha de um exemplar do “*Manobreiro*” do qual o almirante foi depositário por cerca de cinquenta anos. Conta-nos o autor que o referido exemplar correu o mundo e foi um prestimoso auxiliar em diversos navios da Armada. Pertenceu ao Segundo-Tenente Rodolfo Lopes da Cruz, “um dos mais provecutos oficiais de catavento dos úl-

timos dias da Marinha a vela” e, posteriormente, ao Primeiro-Tenente Aarão Reis Filho, tio do autor, que realizou, certamente com o livro em sua bagagem, a famosa viagem de circum-navegação de 1908 a bordo do Navio-Escola “Benjamim Constant”. Mais tarde, o livro foi emprestado ao Comandante do Navio-Escola “Guanabara”, Daniel dos Santos Parreira. Em 1954, acompanhou





o próprio Almirante Aarão Reis quando Comandante do Navio-Escola “Almirante Saldanha” na décima quarta Viagem de Instrução de Guardas-Marinha, programada para ser a quinta viagem de circum-navegação da Marinha do Brasil, interrompida quando o navio aportou em São Francisco, Califórnia. O exemplar que pertenceu ao almirante traz a curiosidade de ter sido impresso na França, na “*Imp. Barrouse, 12 Cour du Commerce, Paris*”, diferente de outros exemplares de mesma data publicados no Rio de Janeiro, alguns na “Typographia de Pinheiro”.

O “*Manobreiro*” apresenta detalhes interessantes como o emprego da expressão “oficial do quarto” e não “oficial de quarto”, hoje corrente, e da palavra “estibordo”. Esta palavra somente seria substituída por “boreste” oito anos depois pelo Aviso n.º 334, de 14 de fevereiro de 1884, tendo em vista a confusão durante as manobras, principalmente sob vento forte, causada por “estibordo” possuir a mesma terminação de “bombordo”. O Almirante Aarão Reis credita a iniciativa de substituir “estibordo” por “boreste” ao próprio Wandenkolk, quando capitão de mar e guerra. O Aviso n.º 334 também tornava obrigatório “tornar extensiva a toda a marinha as vozes do Manobreiro Wandenkolk”, determinação que realçava a importância do livro. Em consequência,

ficaram oficializadas vozes de manobra como “A seus lugares para largar o pano!”; “Gajeiros, sotas, homens dos terços e dos joanetes! Acima!”; “À enxárcia quem larga!”; “Pronto a largar o pano! Larga!”; e tantas outras.

Outro detalhe que chama atenção é a preocupação do autor com a meteorologia, mais precisamente com os “aguaceiros”, por ele definidos como “aumento accidental na força do vento”, e com a formação de ciclones, situações de alto risco principalmente para navios veleiros. Com relação a esse assunto, Wandenkolk apresentou tabelas, denominadas “táboas”, com dados sobre os “sinais atmosféricos e terrestres que indicam a aproximação de ciclones” em locais como Antilhas, Oceano Índico, costa do México e vários outros locais por onde navegou. Outras duas “táboas” ensinam a manobra que se deve praticar nos Hemisférios Norte e Sul em relação ao centro do ciclone, com a indicação dos lados “maneável” e “perigoso” em várias circunstâncias inerentes à aproximação de ciclones.

Ao ler o “*Manobreiro*”, depara-se com a mais pura linguagem marinheira, que emprega a expressiva e antiga terminologia do “tempo do pano”:

Os navios menores cruzarão as gáveas com um só amante ou andrebelô, gurnido singelo, fixo à cruz com volta redonda e dois cotes, e com vários botões à maneira de mixelos, tomados a partir da referida cruz, no sentido do lais, que deve subir em primeiro lugar; por este processo o amante ficará amichelado como o andrebelô da verga do joanete.

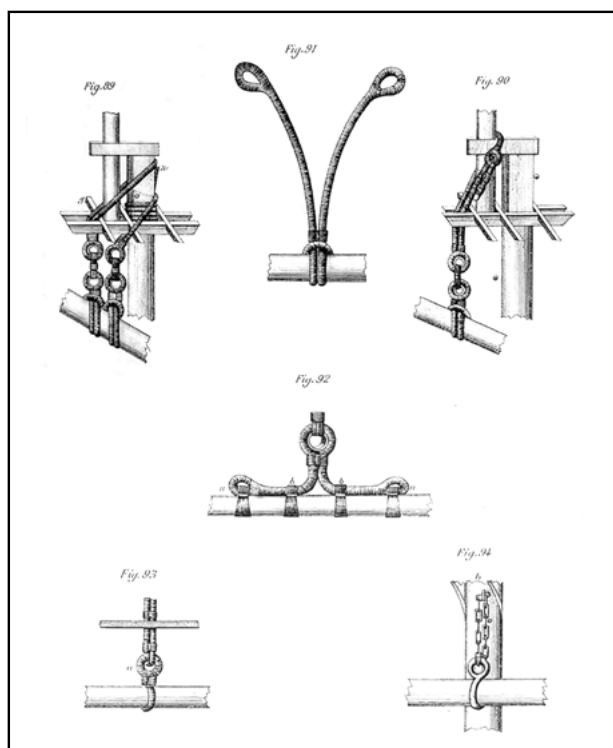
Além de todos os ensinamentos sobre as manobras de vela e a arte naval, o livro ainda percorre caminhos da História Marítima ao comentar sobre a origem das amarras de ferro:

A invenção das amarras de ferro data do ano de 1634. Foi por esse tempo que um ferreiro de Londres, Felipe White, obteve o privilégio para as empregar em substituição às de cabo. Em 1804, um médico da marinha inglesa, John Sleter, pediu e obteve privilégio para o mesmo fim, porém por causas alheias à sua vontade não levou a efeito o seu intento; até que em

1808 Samuel Brown, tenente da marinha inglesa, aperfeiçoando muito a maneira de as faturar, despertou a atenção sobre este útil e importante melhoramento, e desde então as nações marítimas foram abandonando as amarras de cabo.

O pioneirismo do livro escrito por um autor brasileiro fica patente no prefácio, quando Wandenkolk registra ter recorrido a livros franceses dos autores Breart, Bonnefoux e Dubreuil, no tocante às manobras de vela, e aos tratados portugueses de Siscar, Fontes de Mello e Balthazar Vallarino, no que se refere aos aparelhos de navio.

A iniciativa de Wandenkolk em se dedicar à elaboração de um livro genuinamente nacional tratando de manobra de navios a vela foi seguida pelo Comandante Ernesto de Mello Baptista. Em 1956, enquanto exercia o comando do Veleiro armado em brigue-barca “Guanabara”, publicou em suplementos da *Revista Marítima Brasileira* dos meses julho, agosto e setembro o livro *No catavento de um veleiro*, posteriormente editado pela Imprensa Naval. Embora específico para o navio que comandava, em alguns capítulos a obra de Mello Baptista traz como referência o trabalho de Eduardo Wandenkolk, o que, de certa maneira, dá continuidade ao *Manobreiro para navios de vela*.



Outro tradicional livro que seguiu as águas do “*Manobreiro*”, este na parte de marinharia, é o *Arte Naval*, de Maurílio Magalhães Fonseca, lançado em abril de 1954. Quando da sua primeira edição, assim se manifestou a *Revista Marítima Brasileira* na sua última edição daquele ano:

Incontestavelmente, é uma obra valiosa e de merecimento, fruto de muito esforço, dedicação e competência.

É um livro bem impresso em 750 folhas, bem redigido e ilustrado com 540 gravuras e 94 tabelas; representa um conjunto de lições e ensinamentos peculiares à carreira do oficial de marinha.

É evidente, pois, que a sua aceitação será ampla.

Aceitação ampla e duradoura. Atualmente, o *Arte Naval* encontra-se na sua 8ª edição, tendo completado 71 anos.

Livro atualmente considerado obra rara, exemplares do *Manobreiro para navios de vela* dormem esquecidos em estantes de algumas bibliotecas. Entretanto, isso não pode ser motivo para deixar de lembrar a existência de um livro de tanta importância para a Marinha de outrora. Inspiração para outros livros marinhos e guia prático para diversas gerações de oficiais e praças dedicados à vida no mar, é mais do que justo que se comemore os 150 anos da sua publicação! ■

NOTAS

(1) “Fazer de vela” é a manobra que se executa para deixar o porto ou ancoradouro, para velejar e seguir viagem (Mello Baptista, 1956).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Ernesto de Mello. *No catavento de um veleiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1956.

FONSECA, Maurílio Magalhães. *Arte Naval*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1960.

REIS, Levy Penna Aarão. O centenário de um livro: *Manobreiro para navios de vela*. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 95, n. 10/12, p. 277-280, out./dez. 1975.

REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA. Bibliografia. Rio de Janeiro, v. 74 (LXXIV), n. 4, 5 e 6, p. 385, out./nov./mar. 1954.

WANDENKOLK, Eduardo. *Manobreiro para navios de vela*. Rio de Janeiro: Typografia de Pinheiro, 1876.

* Capitão de Mar e Guerra (Refº)